**ATUALIZAR A MISSÃO DOS MSF**

Conferência de Dom Paulino Yan Olla MSF para o mês de junho

Após chegar a idade de 125 anos da nossa fundação, devemos ser agradecidos que nossa identidade missionária esteja sendo revitalizada. A Igreja católica através do Papa Francisco convida incessantemente também os que acreditam em todo o mundo a fortalecer a identidade missionária. Não só reacendeu o ardor missionário através dos seus ensinamentos, como podemos ver na Encíclica *Evangelii Gaudium* (2013) e em outros documentos sucessivos, mas tomou iniciativas especiais evangelizando várias situações que requeriam a presença de boas notícias como: visitar e defender os refugiados, chamar a atenção sobre as condições desumanas nos cárceres, pedir paz onde há hostilidade e confito, convocar à conversão ecológica. Além disso, ao final do ano passado, determinou o mês de outubro de 2019 como mês especial para comemorar os 100 anos do documento da missão, *Maximum Illud* (1919).

A situação da Igreja no mundo sublinhada acima suscitou uma paixão que se desenvolve nas várias Igrejas locais e naturalmente na Congregação MSF. Na Diocese de Tanjung Selor, em Kalimantan setentrional, onde trabalham os missionários MSF, por exemplo, anunciamos o Ano Missionário, que iniciou a partir do mês de outubro de 2019 e vai até outubro de 2020. Isso porque a nossa área é ampla e as informações e atividades de animação missionária requerem tempo. Numerosas iniciativas foram tomadas pelas comissões da Diocese para tornar este ano pleno de oportunidades para rezar, fazer caridade e ajudar-se mutuamente nas questões financeiras e no aprofundamento da fé. Entre essas atividades se percebe uma atenção particular às paróquias mais distantes da Diocese, que são acessíveis somente com pequenos aviões e barcas, como uma forma de solidariedade missionária.

As ações de animação missionária que se realizam na Igreja tanto no âmbito universal, local ou na Congregação recordam à Igreja a sua identidade mais profunda que é missionária (cfr. *Ad gentes* n. 2) A Igreja negaria a si mesma se não fosse missionária. O mesmo vale para a Congregação MSF, cuja essência (razão de ser) é missionária (cfr. *L’oeuvre de la Sainte Famille*, 10). O nome dos MSF contêm o mandato missionário que deve ser realizado. A lealdade à identidade não é só a lealdade institucional, mas uma fidelidade à luz do Espírito de Deus que inspirou o fundador, Pe. João Berthier, a fundar a Congregação. Deus mesmo quer que através da Congregação as ações de animação missionária que anunciam a Boa Nova reúna sempre mais pessoas que tenham necessidade. A vida é o contributo da Congregação à Igreja fortalecendo a animação missionária através do serviço dos seus membros.

Pe. João Berthier enfatizou a preparação dos missionários como mais importante e eficaz em relação ao trabalho e empenho direto nas áreas de missão. Isso não significa subestimar o valor daqueles que trabalham na área da missão e louvar os que trabalham na formação. Pe. Berthier quis sublinhar que preparar / educar os missionários contribuirá na formação de missionários bons e preparados de verdade, e assim multiplicará a bondade nos vários lugares, através da presença dos missionários (cfr. Os pensamentos de Pe. Berthier, n°. 198).

No Evangelho de Marco 16, 15-20 há uma ordem de Jesus que durante a história da Igreja foi obedecida pelos cristãos. A história da espiritualidade mostra que a Igreja primitiva, a partir dos próprios Apóstolos, foi uma Igreja muito missionária. Quem é iluminado pela luz da Ressurreição de Cristo é encorajado a anunciar o Evangelho. O ardor missionário não pode ser contido nas pessoas que foram tocadas pelo amor de Cristo ressuscitado. Não surpreende que as primeiras congregações cristãs tenham sido todas missionárias.O mandamento de Jesus de pregar o evangelho a todo o mundo foi seguido verdadeiramente quando estavam em situação de perseguição (cfr At 11,19). O Espírito missionário não morre jamais, mas foi até fortalecido pelo martírio que eles experimentaram.

A história da Igreja mostra que, quando surgiram grupos que mais tarde se definiram institucionalmente como "missionários", aconteceram processos desfavoráveis ​​na Igreja. A maioria do povo de Deus (leigos/leigas) não é mais envolvida ativamente na evangelização. O nascimento das congregações missionárias pareceu substituir a missão dos leigos/leigas no cumprimento da ordem de Jesus de anunciar o evangelho ao mundo inteiro. A Igreja levou muito tempo para perceber a necessidade da participação de todos, em particular o envolvimento dos leigos e leigas no anúncio do Evangelho como espírito básico na vida da Igreja. A vocação missionária de toda a comunidade foi renovada no Vaticano II (cf. *Lumen Gentium*, capítulo IV) e posteriormente no magistério (cf. *Christifideles Laici*, 4, 16-17).

No desenvolvimento da história da missão da Igreja vemos que as ideias teológicas sobre a missão contribuíram a plasmar a consciência e o envolvimento da Igreja no desenvolvimento dos seus compromissos missionários. Nas fases iniciais o mandato de Jesus foi obedecido, anunciando o evangelho a muitas nações. O conteúdo da atividade missionária varia e refere-se a todas as atividades da Igreja. Ser missionário foi definido como a atividade de anunciar o evangelho em diversos países estrangeiros (*missio ad gentes*). Os encargos missionários são compreendidos em termos de distinção geográfica e se referem ao anúncio em meio à ignorância ou aqueles que não tenham jamais escutado a mensagem de Jesus Cristo.

As Costituições MSF foram atualizadas (1985) para acolher as ideias de renovação do Concílio Vaticano II, mas não puderam acolher só as ideias missionárias do Concílio Vaticano II como as do decreto *Ad Gentes*, 1965, até a encíclica *Evangeglii Nuntiandi* (1975). Portanto, houve um pedido para viver de acordo com o espírito missionário do presente, adaptando vários desenvolvimentos do magistério posteriores a 1975, em particular o conceito de missão ensinado pelo Papa João Paulo II e uma série de outros documentos do magistério. Em particular, se pode observar o que segue.

Em primeiro lugar, o conceito de missão da encíclica *Redemptoris Missio* (RMi), 1990, não é mais geograficamente restrito, o que se referia à missão como uma atividade de deixar o país para anunciar num país estrangeiro (*missio ad gentes*). Essa concepção de missão ainda é reconhecida e tem sua validade, mas mostra-se que, no novo conceito de missão, é necessário considerar outras situações chamadas de novos aerópagos, que exigem a evangelização. Há um novo mundo e novos fenômenos sociais, como a urbanização, o crescimento das grandes cidades (megalópolis), os jovens, os migrantes, bem como a cultura e o mundo da comunicação (ver RMi n. 37). A Congregação dos MSF e toda a Igreja são chamadas a anunciar o Evangelho nas novas situações e ambientes socioculturais, onde Cristo ainda não é conhecido.

Em segundo lugar, a missão desde o início, desde o nascimento da Igreja é um movimento que nasce da resposta de amor ao Cristo ressuscitado. Portanto, o anúncio do Evangelho se torna um movimento de amor que se dirige a todos e não deve ser exclusivo ou para apenas um grupo de elite chamado Igreja. "Jesus não disse aos apóstolos para formarem grupos exclusivos ou de elite" (*Evangelii Gaudium*, n. 113). A Congregação MSF realiza seu trabalho missionário tentando envolver o maior número possível de pessoas para formar uma Igreja que evangeliza todas às nações.

Terceiro, a missão dos MSF e da Igreja hoje deve refletir o anúncio do rosto misericordioso de Deus que deseja alcançar todas as pessoas e todos os grupos étnicos. O Papa Francisco disse que o trabalho missionário é, antes de tudo, trabalho de Deus. A iniciativa e os resultados são devidos a da graça de Deus. A verdadeira missão é a obra do próprio Deus (*missio Dei*). O princípio da "primazia da graça" torna o missionário humilde e o faz experimentar a si mesmo como um instrumento nas mãos de Deus.

Finalmente, para realizar sua identidade missionária, os missionários MSF, juntamente com toda a Igreja, devem aplicar a lógica da encarnação no cumprimento de seus deveres de anunciadores. O Magistério da Igreja recorda a necessidade de anunciar o Evangelho no contexto das culturas nas quais a Igreja se encontra. "Ir a todo mundo proclamar o Evangelho" não é um mandato para impor a cultura de alguém, a outras nações e culturas. Reconhece-se que a mensagem do Evangelho é freqüentemente misturada e se torna difícil de ser separada da cultura do evangelizador, mas é preciso sempre perceber que a diversidade cultural não é uma ameaça para a unidade da Igreja. *Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas* (cf. RMi, 52). "Não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico" (ver *Evangelii Gaudium*, n. 117).

A missão dos MSF hoje só será uma boa notícia se reunir às pessoas na sua real e atual situação. Existem as esperanças e ansiedades dos seres humanos de hoje, as quais são confrontadas com a luz do Evangelho, para serem iluminadas e sustentadas através da pregação e a vida dos missionários.